

PRODUTOR: Emissora Nacional



RDP



Nº. de referência: 65-8

Título: "OPÇÃO DE CLASSE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): WALLENSTEIN, CARLOS

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 0/8/75

Data de Emissão: ?

Nº. de Episódios: 1

| ACTORES | PERSONAGENS    |
|---------|----------------|
|         | NOIVA - NOIVO  |
|         | MARTA          |
|         | GABRIEL        |
|         | PEINHADAISTA   |
|         | MULHER DO POVO |
|         | COMÍCIU        |
|         | MINISTRO       |
|         | SECRETÁRIO     |
|         |                |

Estado de conservação: Bom



Razoável



Mau



Tipo de Suporte:

Original



Cópia



Registo Sonoro: Sim



Não



Nº do Registo Sonoro:

*Copias*

(V.S.F.F.)





**Notas:**

- NÃO EXISTE REGISTO DOS NOMES DOS ACTORES

**Indexação:** - MINITEATRO



OPÇÃO DE CLASSE

de Carlos Wallenstein

para a Emissora Nacional

Agosto de 1975

PERSONAGENS:

Noiva

Noivo

Marta

Gabriel

• Penhorista

Mulher do Povo

Comício

• Ministro

Secretário

Nota: Os papéis de Comício e Secretário poderão ser feitos, por motivos de facilidade, pelo mesmo actor. Os papéis de Penhorista e de Ministro deverão ser representados pelo mesmo actor.

*original*



NOIVO - Minha querida, é ou não é verdade que és a minha noiva?

NOIVA - Sim.

NOIVO - É ou não é verdade que desde a primeira hora em que te vi as minhas intenções para contigo foram honestas?

NOIVA - Sim.

NOIVO - Sempre honestas...

NOIVA - Sempre...

NOIVO - Entendo por honestidade neste caso a intenção de me casar.

NOIVA - Comigo...

NOIVO - Contigo.

NOIVA - Em breve será, meu amor.

NOIVO - Não!

NOIVA - Não?

NOIVO - Na verdade, não.

NOIVA - O quê? Já não casas?

NOIVO - Contigo?

NOIVA - Pois, comigo.

NOIVO - Não, não casarei contigo.

NOIVA - Oh, traíste-me abandonaste-me por outra. (Choramínga)

NOIVO - Não casarei! Não casarei com ninguém!

NOIVA - Ah, então já fico descansada, pois não me quiseste de propósito humilhar-me a mim.

NOIVO - Bom, vejo que me compreendeste... Ainda bem...

NOIVA - Mas porquê? Porquê? (chora) Tornaste-te desonesto?

NOIVO - Não.

NOIVA - Oh, pobre de mim! Eu amei, eu amo um homem desonesto. Aii (chora)

NOIVO - Ah! Afinal não compreendeste...

NOIVA - Depois de todas as promessas, depois de todos os arrebatamentos, resolveste não casar, nem comigo nem com ninguém. Compreendi que, apesar de tudo, apesar do teu aspecto digno e da tua vida irrepreensível, tu és desonesto.



NOIVO - Minha querida, minha pluma, minha flor de caroço, escuta!

NOIVA - Chamaste : -me tua querida?

NOIVO - Sim.

NOIVA - Oh...

NOIVO - Não desmaies e escuta. É verdade que eu tinha um compromisso contigo. Para casar. Mas burro é aquele que não muda. Ora há dias, em que parece que um homem nasce outra vez.

Compreendes?

NOIVA - Que queres dizer?

NOIVO - O mundo revela-se de novo, a nossos olhos, com outra cor, outra forma...

NOIVA - Para mim, não.

NOIVO - Talvez te aconteça um dia...

NOIVA - Eu nunca mudarei! Eu conservar-me-ei para sempre fiel a mim mesma!

NOIVO - Porque és casmurra. Querida: durante toda a vida fumei cigarros IBÉRICOS.

NOIVA - Sim. Porque?

NOIVO - Porque ~~me~~ estava convencido de que eram os melhores. Mas agora...

NOIVA - Fumas ESTRELA VERMELHA. Eu dei pela troca.

NOIVA - Porque me dão mais prazer. Sabes lá... como é agradável, à tardinha,

~~na mão~~ para a outra banda, puxar um maço de ESTRELA VERMELHA, afa-

gá-lo entre os dedos, este papel celofane meigo e sensitivo, que

enrola a embalagem cor de rosa, com os seus desenhos firmes,

uma palmeira e uma estrela de um lado, uma palmeira e uma

estrela do outro... O jogo dos caracteres delicadamente lançados

em cinco faces deste paralelepípedo... <sup>Com</sup> filtro, sim, ESTRELA VERMELHA

tem filtro... e mais... e mais... 20 cigarros, aqui está escrito,

cuidadosamente, num escrupuloso aviso ao comprador... para que o

comprador se não iluda e não pense que por oito mil e quinhentos

compraria 22 ou 25 ou 29 cigarros... E mais... 20 gramas, aqui está,

meu amor, vê? em caracteres antigos, ~~em caracteres~~... Puxar este maço

e ver ao longe Lisboa, vermelha do crepúsculo, enquanto se



Começa a ouvir-se um fundo musical  
obviamente cinematográfico que se



vai sobrepondo à voz de Noiva

NOIVA (impropérios para este efeito de sobreposição) - Sim, tu sempre me mentiste toda a vida e eu pobre de mim, eu, parva, fui acreditando... E o tempo foi passando... E até as flores de laranjeira, que comprei há tres anos, já estão secas e amarelas no canto da gaveta... Ah, mas eu vou falar ao padrinho Marcelino... eu vou-lhe falar...

No filme, música suave.

NOIVO - É verdade, fui ao cinema. A minha noiva é boa rapariga, sim, sem dúvida. Mas já me custa a aturá-la... O pior é que o Padrinho Marcelino...

Súbito toque de sirene de pronto

socorro...

NOIVO - De repente, no filme, começou a ouvir-se uma sirene. Parecia disparatado aquele som, pois o que se estava a ver era a mulher, estirada na cama com o copo de veneno na mão, para se matar. Afinal de contas, mal a sirene começou a tocar, ela, que ia beber o veneno, não o bebeu... Chamava-se Marta...

No filme:

MARTA - Quem me envia este som? Quem pretende suspender a conquista de paz para a minha alma? Quem adivinhou que neste preciso momento, eu levava ao lábios este líquido libertador?

No filme ouvem-se passos.

MARTA - Quem virá interromper a minha intimidade?

Pausa. Os passos, apressados, aproximam-se.

MARTA (grito aflitivo) Quem vem lá?

Abre-se de súbito uma porta. Logo um acorde violento e trémulo.

MARTA - Monstro! Monstro! Não te aproximes. Gabriel, que mais desejas de mim? Pretendes degradar-me ainda mais?

GABRIEL - Marta...

MARTA - Não te atrevas a sontares-te nesta cama, que já foi nossa...



GABRIEL - Deixa-te disso, palerma. Foi chãõ que deu uvas, sim. E depois?

MARTA - Se deu uvas foi por minha causa, porque eu trabalhei para ti, porque me esfalfei para que tu tivesses o que nunca tiveste. ~~Então me~~  
~~quisaste, de um filho.~~

GABRIEL - Que ias beber? Que líquido está dentro desse copo?

MARTA - Chá de tília.

GABRIEL - Por causa dos nervos, não? ~~... Ora, criaturas como~~  
 tu não ~~xxx~~ têm nervos. Que líquido está dentro desse copo?

MARTA - Se não acreditas que é... chá de tília... ( com assomo felino de de perfídia) váaaa... proooova...

GABRIEL - Hum... Ofereceres-me alguma coisa de bom grado... Cheira-me a sacanice...

MARTA - Gabriel!

GABRIEL - Tu, ofereceres-me qualquer coisa, sem me buzinares aos ouvidos que me vais oferecer... sem me martirizares os ouvidos porque me ofereces-te... sem...

MARTA - A primeira coisa importante que te ofereci foi a minha vergonha, a minha honradez. Lembras-te? Há quinze anos... Tu querias construir o teu primeiro complexo turístico... Mas não arranjavas capital... nem subsídios... O teu nome, o nome do Sr. Dr. Gabriel Reboredo estava queimado nos Bancos... e junto do governo era desconhecido... Os bancos tinham fichas, donde constavam os desfalques, as aldabices, as jogadas no Casino Estoril em que o Sr. Dr. Gabriel Reboredo perdia por noite 50, 100, 150 contos... V. Exa, Sr. Dr. Reboredo -hoje parece inacreditável - nesses tempos não merecia a confiança dos Bancos...

GABRIEL - É falso!

MARTA - É verdade! Há quinze anos o Sr. Dr. Reboredo não tinha nem crédito nem dinheiro. Mas meteu-se-te na cabeça que havias de construir e ~~edificar~~ um complexo turístico. Os teus sócios espanhóis, a quem levaste à la cierta, que acraditaram em ti, des confiavam já de que tu... Entretanto, soubeste que o Ministro de quem dependiam as subvenções para turismo se encontrava no Algarve, em férias, numa praia. Só te restava a tua mulher, a tua jovem mulher, bonita, bem vestida... Eu, de quem fizeste um farrapo, era linda, apetitosa e desde pequena tinha convivido com gente da "alta". Atravessaste o corredor...



NOIVO - Viu-se o cavalheiro, pé-ante-pé, pelo corredor adiante... Abriu uma porta que corria lateralmente...

Ouve-se correr a porta do guarda-vestidos.

E Estavam ali dependurados uma data de vestidos... Uns... sei lá... trinta? quarenta... Enfim, não sei por que há gente que precisa de tanta roupa... O Gabriel, nervoso, pos-se à procura percorrendo os vestidos... até que encontrou um casaco de peles... Dobrou-o com o forro para fora... Atravessou o corredor, abriu a porta de rua, sempre sem fazer barulho. Em chegando à escada, deu-lhe um corripio e desatou a correr por ali a baixo...

Passos.

Entrou no automóvel e partiu por essas ruas adiante...

Fechar de porta de automóvel. Motor. O automóvel parte. Som do trânsito pelas ruas.

Na casa de penhores. Campainha.

MULHER DO POVO - (Indignada, quase a explodir) Sô?!

PENHORISTA - Cento e cinquenta escudos, sim.

MULHER - Cento e cinquenta escudos por um fio de ouro com uma medalha de Nossa Senhora de Fátima? Isto que me custou as economias de mais de um ano de trabalho?

PENHORISTA - Cento e cinquenta escudos. Se não quiere, vá-se embora.

MULHER - Cabrão! Já me tinham dito que vocemecê era assim. Mas tanto é que eu nunca julguei...

PENHORISTA - Andor, andor, se não chamo a polícia.

MULHER - Para que era a polícia? Eu por acaso roubei o fio? Sacana, explorador do povo!

Porta que só abre. Campainha.

GABRIEL - Por favor...

MULHER (rosnando em 2º plano, ao mesmo tempo que se passa o diálogo seguinte, entre Penhorista e Gabriel) - Tem a porta aberta para explorar a miséria do povo... Eu, só não fosse a miséria e a necessidade, esfregava-lhe o fio de ouro e a medalha de N.ª S.ª de Fátima nos cornos.

PENHORISTA - V.Exa fará o favor de passar a este gabinete.

GABRIEL - Muito bem...



Porta que se abre e se fecha. Campainha.

PENHORISTA (baixo) - V.Exa. fará o favor de esperar um instante... Enquanto despacho aquela desgraçada.

GABRIEL - Está bem.

PENHORISTA (tom agressivo de desprezo) - Ouça, mulherzinha: a coisa como eu digo não lhe convém, não é? Pronto, não se fala mais nisso, é caso arrumado.

MULHER (pedindo) - Mas é que o meu filho está doente...

PENHORISTA (impaciente) - Ah!...

MULHER - E só um médico o pode tratar. E a consulta custa 300 escudos...

PENHORISTA - (erguendo a voz) Só dou 150 escudos!

MULHER - Sanguessuga! O povo ainda um dia te há-de arrancar as tripas. Filho da puta!

Bate a porta com estrondo. Campainha.

PENHORISTA (muito cordial) Desculpe... A profissão de penhorista tem de desagradável este lado social. Gente desta laia... está a ver... Em geral vêm à casa de penhores, não para salvar uma aflição - o que seria natural - mas porque é gente preguiçosa, que não trabalha, não arranja vida, nem se defende como deve ser... E estão num bairro como este, cheio de putaria - oh desculpe -, operários, estivadores, marinheiros... Ah, eu teria muito que ensinar, devido à minha experiência, a esses socialistas, a esses comunistas, que andam para aí, que querem o poder para o povo. O povo é uma merda, meu caro Senhor.

Desculpe a palavra...

GABRIEL - Ora essa...

PENHORISTA - Uma merda... - já que me permite. Se a humanidade fosse constituída somente pelo povo, eu teria vergonha de pertencer ao género humano. E suicidava-me! Ou então tirava passaporte de macaco, se eles lá me consentissem em aceitar-me. Sabe? Sou ainda do tempo em que o povo tinha influência neste país. Que vida! Que abominagão! Ai... Salazar foi quem nos valeu.

Agora, felizmente, encontra-se no poder quem lá deve estar. E nós sentimo-nos em segurança, porque a polícia sabe manter o povo no seu lugar...

GABRIEL - Efectivamente...



PENHORISTA - Pois é assim... A profissão de penhorista é bem filha da puta - passe a palavra... Mas também me traz alegrias... Olhe, como esta agora, *esta alegria* de apalpar um casaco de vison, do mais autêntico, do melhor... Não é, *é* novo... mas nem por isso deixa de ser um riquíssimo ~~casaco~~ casaco...

GABRIEL - É da minha mulher. Sabe? É que eu...

PENHORISTA - Não, não precisa de explicar. Eu compreendo muito bem essas coisas...

Também as pessoas ricas e distintas como o Sr, têm os seus baixos... Pois claro! Eu compreendo, não há de que ter vergonha. Sabe? Eu tenho clientela da mais ilustre...

GABRIEL - Ninguém diria... Num bairro assim...?

PENHORISTA - Por isso mesmo... é escondido... E as pessoas altamente colocadas preferem vir aqui, não só porque é uma casa séria, mas também porque ninguém as vê... *Isto é discreto..*

GABRIEL - Sim...? Não imaginei...

PENHORISTA - Claro, tenho agente meus, nesses ambientes da alta, fazendo propaganda da casa.

GABRIEL - Todo o negócio precisa de propaganda...

PENHORISTA - Claro! Olhe. Aqui para nós (em segredo) sabe quem é minha cliente?

GABRIEL - Quem?

PENHORISTA - Não ~~deixo~~ *digam* a ninguém...?

GABRIEL - Palavra de honra.

PENHORISTA (glorioso) - A esposa do Ministro das Corporações. (r1)

GABRIEL - E ele precisa?

PENHORISTA - É esquisito, não? Um homem que rouba como todos sabem e a mulher frequentemente vem por no prego jóias... olhe: casacos de pele...

GABRIEL - É esquisito...

PENHORISTA - Descobri o motivo. É que um homem daqueles não rouba sempre que quere ou que precisa... As vezes tem de esperar... Entretanto ela vem e põe um casaco de peles no prego. Eu dou-lhe por exemplo, quarenta contos... Esses quarenta contos serve <sup>de</sup> entrada para a compra de uma jóia ou de um novo casaco de peles... - sim, porque aquela gente, se não põe as mulheres bem vestidas e a mudar os enfeites todas as se-



manas, perde o respeito, já ninguém lhes passa cartão - Ela compra ~~no~~<sup>novos</sup> o casaco ou ~~as~~<sup>novas</sup> joias, prestações, dando de entrada os quarenta contos que levou daqui. Quando o marido consegue roubar o necessário, então ele tira o casaco do prego e paga as prestações que ficaram em atraso.

GABRIEL - Não está mal visto. .

PENHORISTA - Pois, meu caro Senhor, eu posso emprestar-lhe sobre este casaco 35 contos...

GABRIEL - Porquê? Porque eu não sou Ministro? Se eu fosse Ministro dava-me 50 ou 60 contos?

PENHORISTA - Se fosse Ministro, <sup>eu</sup> dava-lhe 80.

GABRIEL - Mas o casaco vale o mesmo, quer eu seja Ministro, quer não seja.

PENHORISTA - A um penhorista convém sempre manter as melhores relações com o governo.

GABRIEL - O Senhor dá-me 80 contos. Já!

PENHORISTA - Eu? Ora essa! Eu dou o que posso ou o que quero dar.

GABRIEL - Olhe aqui... este cartão...

PENHORISTA - (atrapalhado e depois reverente) O quê? Oh, meu caríssimo Sr... Nunca imaginei...

GABRIEL - Como vê, nada me custa informar o Sr. Ministro das Corporações ou até o Sr. Presidente do Conselho acerca das infames histórias que o Sr. anda a propalar, visando a esposa de Sua Excelência o Senhor Ministro das Corporações, que é uma excelente Senhora, aliás... Caluniador!

PENHORISTA - Oh, mas eu compreendo muito bem... muito bem... Por aqui passa <sup>de</sup> tudo... Ouça: não quer antes noventa contos?

GABRIEL - Quero. Passe-os para cá.

PENHORISTA - Só um momento.

3

Passos. Campainha. Ruidos noutro compartimento.

NOIVO - Pela cara do Gabriel atravessou uma névoa terrível. Aqueles olhos saltaram, como chamas. O penhorista voltou trazendo o dinheiro.

Passos. Campainha.

PENHORISTA - Aqui está. Dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta,



setenta, oitenta, noventa. Noventa contos. Em notas de mil escudos. Os maços ainda têm o selo do banco. Mas se as quere contar...

GABRIEL - Não é preciso. Deixe ver.

PENHORISTA - Agora só falta assinar a cautela...

GABRIELA - Não assino a cautela, nem lhe deixo o casaco, ouviu?

PENHORISTA - Mas...

GABRIEL - E caído, hem?

NOIVO - O homem saiu depressa, batendo com a porta e levando o casaco como o trouxera.

Passos. A porta bate. Campainha.

NOIVO - O penhorista desabou sobre uma cadeira.

PENHORISTA - Pfff... Que grande filho da puta!

Campainha prolongada. Gargalhada do Noivo.

COMÍCIO -

Camaradas! Viva a luta de classes!

VOZES - Viva!

COMÍCIO - A luta de classes é uma realidade social. A luta de classes revela a realidade da situação relativa dos exploradores e dos explorados! Onde não há luta de classes, não há mais coisa nenhuma que seja a favor dos explorados e dos oprimidos. Vivam os oprimidos e explorados!

VOZES - Viva!...

COMÍCIO - Por mais em luta que se encontrem as classes <sup>elas</sup> têm alguma coisa de comum. Por este motivo, trabalhadores, aprendei a identificar a classe a que pertenceis. Aprendei a identificar qual é a vossa luta. Porque a vossa luta é vossa e não daquela classe que é contra vós. É preciso optar em definitivo por uma classe; comprometer-se com ela. Mas cuidado: um proletário tem dois olhos e um burguês também tem dois olhos. Não é através do número de olhos que podeis distinguir um proletário de um burguês, pois tanto um como o outro ambos têm dois olhos. Mas nada de ilusões: a verdade, a verdade é que um é o burguês e o outro é o proletário. De um lado está o burguês; e do outro lado está o proletário, claramente, sem confusões.

VOZES Bravo! Viva a revolução! Viva!

Grande algazarra. Cânticos da multidão.



NCIVO - Isto é que é encher a alma da gente! Para encher a alma da gente, nada como uma revolução. Ena pá! Como estamos diferentes de há quinze anos atrás! Então andávamos todos pr'aquí com a moleza no corpo e com cara de parvos... A guerra de África nem tinha ainda começado, no tempo em que no filme... o Gabriel ficou com os 90 contos e não entregou ao penhorista o casaco de peles...

Abrir de porta. Passos. Porta  
que se fecha, isto é, Gabriel  
acaba de entrar em casa e chama  
Marta que é jovem e está apaixonada por  
Gabriel.

GABRIEL - Marta! Marta!

MARTA - (Longe) Gabriel?

GABRIEL - (Forte) Sim, sou eu. (passos no corredor)

MARTA - Ai que susto, querido! Imagina qu'encontrei aberta a porta do guarda-vestidos! E levaram o meu casaco de vison. Foram ladrões, foram ladrões...

GABRIEL - Aqui está o teu casaco de vison.

MARTA - Oh querido! Encontraste-o?

GABRIEL - Não. Tirei-o do guarda-vestidos e levei-o comigo.

MARTA - Para quê?

GABRIEL - Eu podia dizer-te que... (De subito irritado) Não olhes para mim de olhos esbugalhados! (Pausa) Senta-te... Bom... eu podia mentir-te, dizer que tinha levado o casaco de peles ao peleiro, com medo da traça... Mas não, meu amor... Oh, olhando para ti sentada nesse maple branco... sinto que és linda... que és apetitosa... e que ninguém te resistiria...

MARTA - Oh, meu amor...

GABRIEL - Desde que tu queiras... Mas não te quero mentir: eu levei o casaco de peles, sabes para quê? (Pausa, em segredo) Para o por no prego.

MARTA - Era preciso?

GABRIEL - Sim, Marta, não temos meio tostão. Estamos muito mal de finanças. O teu marido com tantos projectos seguros, projectos que são dinheiro em caixa, projectos realistas, aqui dentro desta cabeça, e não me dão oportunidades...



O governo tem os seus protegidos, os seus privilegiados... Quem não pertencer a esse número, está lixado! Este é o meu caso... Mas tenho o meu projecto, sólido como rocha! Turismo a valer, turismo de qualidade! A parte espanhola está por tudo... desde que eu consiga as autorizações do governo e algum financiamento... Mas os patetas dos Ministros não me recebem... nem os Secretários de Estado... E os Directores Gerais, ou me respondem com idioteiras ou me mandam dizer pelos contínuos que estão em reuniões. ~~RM~~ Como se essas bananas tivessem competência para andar em reuniões... E até os Chefes de Repartição já me torcem o nariz... Ein? Vês a minha situação?

MARTA - Mas afinal voltaste a casa com o casaco...

GABRIEL - Sim, de repente apareceu-me um negócio... ganhei uns tostões

MARTA - Porque não me disseste que ~~precisavas~~ precisavas de por o casaco no prego?

Porque não me disseste? Tudo o que ~~é~~ meu, é teu, meu amor... ~~RM~~ Só

queres que fale comigo... não me ocultes nada... Tudo o que é meu, é teu...

GABRIEL - (sinistramente) Nesse caso, vamos para o Algarve... Está lá o Ministro ~~d~~

X ~~de~~ <sup>agosto</sup> férias... Tudo depende da nossa diplomacia... Se formos corajosos, talvez nos salvemos...

MARTA - Quando partimos?

GABRIEL - Já, Marta, já! Depressa!... Leva as tuas melhores toilettes... as toilettes que te façam mais bonita... e apetecível...

Música. Ruído do motor do automóvel...

MARTA - Ai estou toda crispada! Não guies tão depressa, Gabriel...

GABRIEL - Agosto de 1960, Marta. Estamos ~~em~~ em Agosto de 1960. O capitalismo atingiu o seu maior desenvolvimento... E vai desenvolver-se ainda mais durante esta década. Depois, talvez estoi re. De qualquer modo, temos à nossa frente ainda uns dez anos...

MARTA - Gabriel, se vais ~~mx~~ com tanta velocidade, eu não aguento mais... Os meus nervos não são de ferro... Eu atiro-me do carro abaixo...

GABRIEL - (Travagem) Isso é que nunca! Quero que chegues ao Algarve inteira... E, mais do que inteira... linda! (Conduz com menor velocidade) Vamos bem agora?

MARTA - Sim, mas não vás mais depressa.

GABRIEL - Combinado. Dizia eu... Ah, sim: talvez o capitalismo dê um ~~estor~~ <sup>estor</sup> de uns anos... Mas por enquanto... quem tiver negócios, que os faça. Quem



quiser especular... quem tiver unhas para tocar viola... ainda está a tempo... ainda tem uma dúzia de anos para enriquecer... Depois... não se sabe... E cada ano que passar, será pior...

Música.

O m comentário a seguir é feito pela Marta actual, a Marta que ia beber veneno.

MARTA - Durante a viagem de Lisboa para o Algarve passou-me pela cabeça a ideia do que tu verdadeiramente ~~quis~~ias de mim. Mas não ~~acreditei~~ acreditei. Tu quase mo dizias e eu não acreditei. Oh que parva e que ingénua que eu era... Tinha 25 anos e amava-te! Oh, o nojo que eu tenho de mim própria, <sup>Que nojo...</sup> ainda hoje, de cada vez que penso que te amava... Beee ( ruído de vômito)

Música. Ruidos de Grande Hotel. Acaba um tango e começa um rock.

MARTA - Chegando à praia da Rocha, amigas minhas, do tempo do Colégio que frequentei no Estoril, ~~um~~ um Colégio de religiosas, andavam na intimidade do Ministro... Tu confiaste em mim, estupor... Tu confiaste na tua mulher de 25 anos... O Ministro era um sátiro - e tu sabias... Olhaste à tua volta e viste que nenhuma das outras tinha o meu charme, a minha sedução... Tu sabias que entre gente da nossa laia a natureza humana facilmente se corrompe... E desapareceste, <sup>2</sup> pretextando ~~que~~ que de um telefonema importante, um negócio, <sup>que</sup> te chamava a Lisboa... Partiste e deixaste-me ali, a tratar da tua vida...

GABRIEL - Da nossa vida. Enganas-te, Marta. Eu parti porque te amava e não tinha a certeza de resistir, de me aguentar ao ver, ao ver tudo o que se ia passar contigo...

MARTA - Chulo! Chulo!

GABRIEL - Além disto, eu sabia que estando ali contigo, o dinheiro que levava não chegaria nem para uma semana...

MARTA - Se te fosses embora...

GABRIEL - Eles pagavam-te tudo, os whiskies, os cocktails... Aliás, logo desde o primeiro contacto, a situação agradou-te. ~~Sentiste-te~~ Sentiste-te "promovida" ao teu mundo e não ligada a este pobretanas por quem em má-hora te apaixonaras... Casamento pela Igreja, ainda por cima... Em chegando ao Algarve, o encontro com gente da tua reanimou-te...



MARTA - Dizes gente da tua com um desprezo... Idiota, tu pertences à mesma gente.  
 GABRIEL - Há uma diferença: tu és de origem. Eu "conquistei" a posição... Nasci limpinho; só depois é que <sup>me</sup> sujei. Sim, ~~nunca te vendesse~~ o meu pai, a minha mãe, os meus irmãos eram apanhadores de sargaço. Eu também devia ser, mas não quis aquela miséria. E fugi. Mas eu sou filho do povo, ouviste; este é um brasão que eu posso mostrar, com todo o direito, seja a quem for.

MARTA - Fugiste para Lisboa e empregaste-te como marçano. Até aqui talvez tivesses conservado o "brasão". Mas quando assaltaste e exploraste e violentaste, o brasão perdeu a cor, já não existe.

GABRIEL - Ora...

MARTA - (pausa) Continuas com esse copo na mão. Com esse copo na mão, até pareces proprietário duma agência funerária...

GABRIEL - Sim? (geme com esforço)

MARTA - Gabriel, tu não partas esse copo. Gabriel...

Huido de copo que se parte atirado de longe. Choro desesperado de Marta. Música de rock

MINISTRO - Olá, Marta, boa noite...

MARTA ( muito amável, íntima, levemente formal) - Boa noite, Sr. Ministro. Vejo que já perdeu o ar irritado que tinha esta tarde no iate. Que aconteceu?

MINISTRO (r1) - Sabe... é que... O seu marido?

MARTA - Foi para Lisboa, chamado de urgência...

MINISTRO - Sim, sim...

MARTA - Os sócios espanhóis, por causa daquele assunto de turismo... A ver se chega a algum resultado positivo... Coitado... ele sofre tanto e está tão empenhado neste caso...

MINISTRO - Sim, sim, sim... (r1) Marta... quer... esta noite?

MARTA (com pudor) - Sr. Ministro!

MINISTRO - Esta noite ofereço às minhas amigas um espectáculo de strip-tease.

As minhas amigas e a alguns amigos, apenas...

MARTA - Mas é proibido...

MINISTRO - Pois é. Apesar disto, eu ofereço um espectáculo de strip-tease. Secreto, à porta fechada. Imagine o risco que eu, Ministro do Governo, vou correr para ser agradável às minhas amigas...

Claro, em Portugal as pessoas são umas brutas, isto é um povo

perdido, não há ninguém que saiba fazer strip-tease com elegância,

daquela maneira excitante que vemos em Paris, em Amsterdam...

MARTA - Então como vai fazer?



MINISTRO - Pago a um pescador, um rapaz simpático, e ele vai na sua traineira buscar um grupo estrangeiro que faz strip-tease; e que vem actuar de propósito para nós, em exclusivo. Sabe onde os vai buscar?

MARTA - Não.

MINISTRO - (ainda mais em segredo) A Marrocos... Pela calada, como se fosse contrabando... (grande gargalhada) Claro, custa dinheiro, mas havemos de arranjar para tudo...

MARTA - É bem imaginado, Senhor Ministro...

MINISTRO - Pois a mim, imaginação não me falta... E dinheiro enquanto houver... olhe, pfff!, vai disto, que vida terei uma só; e uma das funções do dinheiro é comprar prazer. (Outro tom) Aceita?

MARTA - Claro.

MINISTRO - Então mantenha-se no hotel, no seu quarto. Pelas 11 da noite, o meu Secretário a fará descer. Entrará num automóvel... discretamente... e será conduzida ao local do... desta ingénua brincadeira...(Ri)

MARTA - Será maravilhoso, Sr. Ministro...

MINISTRO - Até logo, Marta... querida...

MARTA - Até logo... (afasta-se)

MARTA - Adeus, Senhor Ministro... (afasta-se)

MINISTRO - Olhe... Sabe? Tenho-a apreciado muito... Neste mesmo instante, quando se voltou eu... vendo a sua elegância de alto a baixo...

MARTA (como que envergonhada) Oh, senhor Ministro...

MINISTRO - Por este caminho, Marta, o seu marido...

MARTA - Suponho que já chegou a Lisboa...

MINISTRO - Pois... Talvez ele mereça um concessão para turismo, hotel, casino...

Eín?

MARTA - Oh Senhor Ministro...

MINISTRO - Você e eu, vamos apanhar o dinheiro desses sócios espanhóis...

Eín?

MARTA - (rindo muito) Boa ideia...

MINISTRO - Se você fizer tudo para o merecer (riem ambos). Até logo, Marta...

Música.



Música, que muda de tonalidade, vindo de sugestões simplesmente sensuais, para um exagero quase dançesco.

Um estranho rager de ferragens e de rodízios mal lubrificados - som que se aproxima enquanto a cena decorre.

MARTA - Que é isto aqui?

SECRETÁRIO - Um velho armazém abandonado. Ali ao fundo as ruínas de uma capela.

Não é impossível que <sup>antigamente</sup> alguns barcos partissem deste porto para as

descobertas. Na capela rezava-se a missa do adeus... O Senhor Ministro

mandou <sup>fez doar</sup> ~~comprar~~ isto tudo, para seu serviço...

(com medo)  
MARTA - Está escuro...

SECRETÁRIO - O Senhor Ministro não quis montar electricidade. Há-de ser tudo

como antigamente... Ali junto do altar em ruínas o Senhor Ministro

mandou colocar colchões bem modernos... Vê?

MARTA - Sim... Para quê?

SECRETÁRIO - É um homem extraordinário, o Senhor Ministro... Para ele nada

é simples... tudo é levado até ao maior requinte...

Aproxima-se o ruído acima descrito.

MARTA - Que archote é aquela que vem caminhando para nós no escuro?

SECRETÁRIO - Ah... sim... espere...

MARTA - Mas...

SECRETÁRIO (brutal) - Espere!

Pausa. Sons produzidos por Marta  
terrificada...

MARTA - É uma cruz... montada sobre uma plataforma com 4 rodas... E no alto  
um archote...

SECRETÁRIO - Um archote de alcatrão... Dependurado nesta cruz, o Sr. Ministro crucificado, avançará... assim... como a cruz agora vem avançando... Eu próprio a conduzirei. E quando parar, exactamente aqui, eu darei várias chicotadas no Sr. Ministro com este chichote (experimenta) Então a Marta tirará o seu roupão de seda e, nua, receberá



nos braços o Sr. Ministro. Depois a Marta e eu arrastá-lo-emos para cima deste colchão.

MARTA (tremendo) Credo!

SECRETÁRIO - Marta, calma, olhe que não custa nada... Não se arrependerá... Todos os seus problemas serão resolvidos...

MARTA - E se eu achar ridículo? Sim, se eu achar ridículo?

SECRETÁRIO - Não torá importância... O Senhor Ministro nessa altura não se encontrará em estado de apreciar se a Marta acha a situação ridícula ou não... Vamos... Marta, é preciso senso do humor... (Começa a rir)

MARTA - Bem...eu... (desata a rir em grandes gargalhadas)

As gargalhadas de Marta e de Secretário fundem-se com música. Pausa.

Chicotadas. Gritos diversos. Pausa.

X MARTA (na actualidade) - Foi a <sup>minha iniciação</sup> ~~a tua iniciação~~ no princípio...

GABRIEL - Nunca mais me deste um beijo...

MARTA - Mas tiveste o que querias... Montaste o primeiro hotel e outro e outro... E um casino e dois e três... O Turismo internacional é teu... Estupor! Acaso terás agora salvação? Tu? O povo conhece-te, sim, conhece-te de gingeira... O povo sente-se liberto,

agora, depois da revolução... Cala-te, sei o que vais dizer: que o povo está enganado e que não está liberto... É essa a tua esperança, não?

A tua esperança sinistra?

GABRIEL - Ouve: há quinze anos eu entreguei-te a um ministro corrupto. Assim atingi a riqueza. Cheguei ao que sou. Não estou arrependido do que fiz. Não me envergonho dos cornos que me pusaste toda a vida... Ouviste? Estames quites, estupor! Passaste a vida no delírio, no prazer ... sim, porque a corrupção é um vício e o vício é o único prazer das criaturas devassas como tu... Que vais tu fazer agora, agora que julgas que o povo chegou ao seu momento, agora que pensas que o povo chegou à sua libertação, idiota! Que vais tu fazer?

MARTA - Quere o povo tenha sido libertado, quer não tenha sido libertado, tu e eu, Gabriel, fizemos neste mundo o pior que podíamos ter feito. Tu vais lutar para te salveres, vais convencer o povo de que estás com a revolução... Vais manobrar,



18  
apelar para tudo, inclusivé para a tua origem, para o teu pai e a tua mãe apanha-  
dores de sargaço. Talvez te salves... Ou talvez - e isto é mais certo - o povo  
te dependure de cabeça para baixo nalgum candeeiro. É esta alternativa que  
vais arriscar... Mas eu não arrisco, pois não tenho motivos que me animem  
e não tenho coragem. Há pouco, na minha mão estava um copo, que me tiraste  
e arremeçaste para ali... O líquido esverdeado derramou-se contra a pare-  
de e escorregou pelo canto da sala. Aqui, estás a ver?... Estás a ver, chu-  
lo?! Estás a ver? Aqui, no canto da sala! Pois eu agora... ajoelho-me...  
e lambo... e continuo a lambar... este líquido verde... E lambo mais...  
(Grande sofreguidão) Bebo o veneno que preparei por estas mãos... Ah...  
e morro... Moooooooo... Ah...

GABRIEL - Marta...

MARTA - E morro Ah.....

Grande grito.

NOIVA - E morreu?

NOIVO - E morreu.

NOIVA - Que disparate, sempre fazem cada fita no cinema...

NOIVO - Ora bem, aqui está o motivo por que eu não me caso contigo.

X ~~NOIVA~~ - O Padrinho Marcelino dá-te a casa para quando nós casarmos, não é?

NOIVA - É. E então?

NOIVO - O Padrinho Marcelino emprestou-me 1000 contos para eu montar a  
sapataria em Lisboa, não é?

NOIVA - E, então?

NOIVO - É tudo isto e com a gente ainda solteiros... Se a  
gente casasse, o Padrinho Marcelino continuava por ainda adiante, a  
gente empenhava, barbas e tudo, ao capitalismo, afinal para quê?  
Para tu teres uma bateria de panelas pendurada na parede da cozinha  
e para outras asneiras assim... E eu daqui a nada queria ter duas sapata-  
ria e três e quatro e por aí adiante... E tu acabavas por tomar veneno  
pois não tinhas motivo para estares viva...

NOIVA - (meia chorona) Ai, que pateta!

NOIVO - Não não... Nem sapataria nem coisa nenhuma... Viver honradamente, ouviste?  
do trabalho de cada dia...

NOIVA - Ai, que pateta...



NOIVO - E eu que julgava que o cinema é coisa que não serve para nada...

O Padrinho Marcelino, o que ele queria sei eu: era meter-te à minha frente, para me agarrar por teu intermédio e explorar-me o resto da vida... Mas não: hoje em dia um homem tem de optar pela classe a que verdadeiramente pertence. Com a qual quere levar por diante uma luta.

NOIVA - Ai, que pateta...

NOIVO - ... A classe à qual não lhe repugna pertencer. A classe que é a sua própria verdadeira...

NOIVA - Ai que pateta...

NOIVO - Ficar agarrado ao passado, não. É preciso firmeza. E não caso, ouviste? Essa do casamento entre nós é negócio arrumado. Ouviste?

NOIVA - Ai que pateta...

NOIVO - É negócio arrumado. ( A Noiva desata a chorar ) É negócio arrumado...

Música

FIM